

ENTREVISTA

FELIZ ANIVERSÁRIO, SARA

HAPPY BIRTHDAY, SARA
FELIZ CUMPLEAÑOS, SARA



Sara Lawrence Bueno (foto do acervo pessoal da entrevistada)

JOJO CAMPOS

Com um bolo decorado com o tema de *'Heartstopper'* de Alice Oseman e algumas mesas improvisadas com os amigos mais queridos, Sara Lawrence Bueno comemorou seu aniversário de 16 anos. Teve docinho, refrigerante e muita pizza. A contagem regressiva para os 18ão ficava mais próxima, assim como o terceiro (EM), as provas de vestibular, a futura carteira de habilitação e o ingresso na tão sonhada universidade. Tudo parece seguir conforme o esperado na vida de uma adolescente na maior metrópole do Brasil. Ao assoprar as velinhas, os pedidos podem mencionar cada um desses itens ou acrescentar coisas novas, como um date bem-sucedido, a renovação da sua série favorita da Netflix ou um pouco mais de força para enfrentar os desafios do restante do ano. Afinal, em todo aniversário, Sara vê as cerejas pulando bem longe do bolo.

Como menina, negra, judia, bissexual, irmã gêmea e filha de um casal gay, o bolo de

Sara se parte em vários pedaços para contribuir, somar e alimentar a luta de alguns grupos de juventude. O primeiro pedaço foi para o movimento juvenil judaico, o segundo ficou para o coletivo de meninas feministas, o terceiro serviu para alimentar uma grande marcha em prol do enfrentamento ao racismo, o quarto adoçou a maior parada do orgulho do mundo todo e o restante foi guardado na geladeira, caso alguém da sua família precise de alguma coisa "doce" durante a semana. Não deve ter durado nem dois dias em casa. Ps: óbvio que ela não se esqueceu de separar um pedaço especial para a primeira entrevista da sua vida. Mesmo com uma rotina cheia de trabalho voluntário, ativismo e provas no colégio, Sara

aguardou ansiosa por esse grande momento. No caso, a Revista África e Africanidade teve o privilégio de ouvi-la e de saborear os últimos docinhos da festa. (estavam deliciosos!)

Jojo Campos: *Para darmos início à nossa entrevista, eu gostaria que você falasse um pouco sobre a sua história de vida e sua trajetória como ativista.*

Sara Lawrence: A minha história teve início devido ao relacionamento entre meus pais – Richard Lawrence e Jean Bueno. Após vários anos de casados, decidiram que gostariam de ter filhos, então em 2006, adotaram 2 bebês no nascimento; eu e o meu irmão gêmeo. Eu sou muito privilegiada por ter uma família tão amorosa, mas ter dois pais e ser menina não é coisa fácil. Em diversas ocasiões, uma figura maternal fez falta, mesmo assim, sempre fui rodeada por muito amor. Além disso, os meus dois pais me influenciaram desde cedo a lutar pelos meus direitos. Desde cedo, fizeram o possível para me fazer entender que ser negra não é fácil, e que minha vida não será um passeio no parque. Com isso, me prepararam para enfrentar as crueldades do mundo, sem que elas me destruam completamente. Reconhecer isso foi essencial para militar efetivamente em prol de causas tão importantes. Meus pais me ajudaram a ser a mulher forte que sou hoje, e graças a eles, tenho forças para lutar por um mundo mais igualitário.

Jojo Campos: *Você, enquanto jovem, negra, bissexual e filha de pais gays, se sente firme e forte para atuar e contribuir com a juventude judaica? Nos fale mais sobre a sua participação no coletivo.*

Sara Lawrence: Sim, atualmente me sinto firme e forte para atuar e contribuir com a juventude judaica. Entretanto, isso foi algo que exigiu muita coragem e determinação, pois num lugar majoritariamente ocupado por pessoas brancas, muitas vezes são as minorias que tem que lutar para incluir temas raciais em conversas, assim como na nossa educação não-formal. Já a pauta LGBT é discutida com mais frequência, pois existem muitas pessoas em várias Tnuot¹ que se qualificam parte desta comunidade. Além do mais, creio que participo ativamente no Noam² enquanto negra, bissexual e filha de pais gays, principalmente por liderar um grupo chamado 'Torech', que discute o feminismo e minorias. Ao longo deste semestre, falamos bastante sobre judeus pretos, inclusão, empoderamento feminino e como podemos incluir esses assuntos nas atividades que damos. Além disso, participamos da marcha do Dia da Consciência Negra na Paulista, junto com várias outras Tnuot de São Paulo. Este momento em específico foi muito emocionante para mim, porque até então, não sabia que o movimento antirracista era tão presente na juventude judaica. Acredito que agora que encontrei meu lugar no Noam, posso crescer e contribuir ainda mais para os valores inclusivos, diversos e igualitários da Tnuá³, focando na negritude, na comunidade LGBT e na luta por igualdade de gênero.

Jojo Campos: *Como o feminismo entrou no seu ativismo no movimento juvenil judaico?*

¹ Movimentos Juvenis (plural de Tnuá)

² Movimento Juvenil Judaico Sionista alinhado ao Movimento Masorti (Conservador)

³ Movimento Juvenil

Sara Lawrence: O feminismo entrou no meu ativismo no movimento juvenil judaico depois de entender que as mulheres sofrem inúmeras desigualdades na minha religião. Isso não foi algo que percebi desde cedo, pois na comunidade que frequento (Comunidade Shalom⁴), as mulheres têm os mesmos direitos dos homens. Apesar disso, quando fui para Israel pela primeira vez, e visitei o Muro das Lamentações, me dei conta de que as mulheres somente têm acesso a 20% do muro, deixando os homens com 80%. De acordo com crenças do judaísmo ortodoxo, elas não podem ler da Torá, usar Talit⁵ nem o Tefilin⁶. Este fato me deixou extremamente irritada e foi um gatilho que iniciou meu ativismo feminista no movimento juvenil judaico. Luto para que mulheres judias no mundo todo possam exercer seus direitos igualitários em práticas religiosas.

Jojo Campos: *Como liderança do Girl Up, você consegue promover um diálogo sobre a participação de jovens judias no feminismo?*

Sara Lawrence: Sim, mas confesso que é um tema que gostaria de abordar mais com as voluntárias do grupo, principalmente porque grande parte delas não são judias. Acredito que essa seja uma boa meta para o próximo semestre. Inclusive, seria interessante organizar um diálogo entre os membros do Girl Up e os madrichim⁷ do Noam, pois de tal forma, ambos grupos podem aprender lições valiosas sobre religião e feminismo, e como juntar esses dois aspectos no ensino.

Jojo Campos: *E quanto ao feminismo negro? Como você enxerga a presença de jovens judias LGBTQIAP+? Você se sente “isolada” nesses espaços?*

Sara Lawrence: Para ser bem honesta, me sinto isolada em diversos aspectos no judaísmo por ser negra. Não conheço negros judeus e seria muito bom ter essa rede de apoio. Por outro lado, conheço vários jovens judeus LGBTQIAP+, então nesse setor, não sinto que falta presença. Mas com certeza, a negritude no judaísmo é uma questão que me incomoda bastante por não ter representatividade suficiente.

Jojo Campos: *Qual é o conselho que você daria a uma jovem judia e negra interessada em aprender sobre se articular em coletivo nos movimentos sociais?*

Sara Lawrence: Tenha paciência e determinação. Não será uma tarefa fácil, pois, no começo, poucas pessoas te escutarão. Porém, independentemente de qualquer coisa: não desista. Encontre sua voz e preencha o silêncio! Precisamos de mais jovens judias e negras interessadas em movimentos sociais! Faça pesquisa, se conscientize bem sobre os assuntos que te interessam e procure conversar com pessoas experientes nessas áreas (como por exemplo, ativistas, líderes de movimentos sociais e organizações, políticas etc.). A luta por igualdade é uma luta coletiva! Se junte a nós.

⁴ Sinagoga Masorti de São Paulo

⁵ Xale de orações

⁶ Par de caixas de couro, cada uma presa a uma tira de couro de animal kosher, usada para preces

⁷ Monitores da Tnuá

Jojo Campos: *E qual é o conselho que você daria a uma organização juvenil sem representantes da comunidade judaica? Como você sugere que seja feita a inserção de meninas judias nesses espaços?*

Sara Lawrence: Organizar capacitações sobre este tema. É essencial para o avanço social que meninas judias sejam inseridas nesses espaços religiosos. O poder da educação está nos nossos ombros, nos ombros das organizações juvenis. Vamos ensinar o que é certo. Aconselho os movimentos a organizarem conversas com ativistas feministas e negras para atingir isso.

Jojo Campos: *Estamos chegando ao fim da nossa entrevista. Eu gostaria de pedir para você indicar um livro, um filme, uma música e a sua comida favorita.*

Sara Lawrence: Pessoalmente, sou apaixonada no mundo cinematográfico, na literatura e na música – são elementos que fazem parte da minha personalidade, na formação de quem eu sou. Meu filme favorito é, (e provavelmente sempre será) *'Call Me by Your Name' (Me Chame Pelo Seu Nome)*. Tudo nele me encanta completamente. Se trata de um romance LGBT entre Elio e Oliver, ocorrendo no Norte da Itália. Os cenários são de tirar o fôlego, e provoca sentimentos de calma, mas ao mesmo tempo, é uma trágica história de amor. Recomendo!

Já meu livro favorito é *'I Know Why the Caged Bird Sings'*, escrito por Maya Angelou – um livro impactante e tocante que mostra a perspectiva da autora entre os 3 e 16 anos vivendo numa sociedade racista nos anos 90, onde sofreu altamente por conta da cor da sua pele. A personagem principal cresce e vai entendendo que nasceu com uma desvantagem. Este é um livro marcante. Vale a leitura!

É muito difícil escolher uma música favorita! Mas uma que completamente mudou minha vida foi *'O Que se Cala'*, da Elza Soares – uma ícone brasileira! Meu verso favorito é quando ela diz *"mil nações moldaram minha cara, minha voz uso pra dizer o que se cala, o meu país é o meu lugar de fala"*. Simplesmente perfeita.

E finalmente, minha comida favorita do momento é hambúrguer. Se você me perguntar isso amanhã, provavelmente minha resposta vai ser diferente. Depende do momento!

Considerações da Entrevistadora

A música, o filme, o livro, a viagem, o coletivo, a comunidade, tudo faz parte da vida, da rotina e dos refúgios de conforto de uma jovem ativista de muitas bandeiras. Muitas vezes, esses espaços podem mostrar o ponto de largada ou mesmo o reforço para subir mais um degrau em uma jornada cheia de dificuldades. Nenhum passo será dado em vão. Afinal, uma menina negra, judia, bissexual e feminista sente, todos os dias, o peso e o alto preço para sua voz ser ouvida. Lutar pelo direito de ser, de (sobre)viver e de ocupar não é uma tarefa fácil, ainda mais quando se trata de um conjunto de minorias em um corpo só. (Um corpo que carrega a história de muitas outras de épocas passadas, de muitas outras de momentos presentes e de muitas futuras outras, que serão suas filhas, netas e bisnetas.)

Ao raspar o resto da cobertura do bolo, o barulho do talher encostando no prato diz o quão delicioso foi esse momento de trocas, de conversas, de histórias e de memórias de uma vida tão singular e, ao mesmo tempo, semelhante a tantas outras em suas formas de

resistência. Independente do recheio (o de goiabada com coco é o melhor), o sabor que fica é o do amor e isso tem de sobra em todas as suas lutas. Parabéns a todo esse trabalho de construção coletiva em prol das meninas e suas diversidades! Nessas datas tão queridas, que as marchas estejam sempre cheias com a cara do povo! Muitas felicidades aos coletivos de juventude! Muitos anos de vida às jovens ativistas! Todo dia é dia de festa para alegrar gerações de mulheres negras, pois todas fazem anos de luta por uma sociedade livre do racismo, da misoginia, do antissemitismo e da LGBTQIfobia! Uma salva de palmas a todas nós! Feliz Aniversário, Sara!

Entrevistadora: *Jojo Campos*, graduanda em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão, educadora social, ponto focal brasileira e mentora da EscuelAfro, colunista e conselheira editorial da Revista África e Africanidades.

Entrevistada: *Sara Lawrence*, estudante, jovem ativista negra, judia e LGBTQIA+, líder feminista do Girl Up St. Paul's e madrichá do Noam (São Paulo).

REFERÊNCIAS

LAWRENCE, Sara. Entrevista com Sara Lawrence [Entrevista concedida a] Jojo Campos. **Acervo pessoal**, 24 de dez. de 2022.